

Religião e anti-imperialismo nos EUA: análise dos escritos adventistas (1864-1915)

Religion and Anti-Imperialism in the U.S.:
analysis of Adventist Writings (1864-1915)

Isaac Malheiros*
Vanessa Meira**

Resumo

Este artigo tem como objetivo avaliar, por meio de uma pesquisa documental e bibliográfica, a relação entre o adventismo e o anti-imperialismo no final do século XIX e início do século XX. O texto se concentra na forma como o adventismo, com suas crenças bíblicas e sua escatologia apocalíptica, oferece uma crítica ao imperialismo e às visões etnocêntricas da época. Analisando fontes primárias, o artigo também explora a tensão entre a missão evangelizadora adventista e as realidades do colonialismo. Os dados revelam que, ao mesmo tempo em que divulgavam sua fé, os adventistas confrontavam e reinterpretavam dinâmicas imperialistas de poder existentes em seus próprios países e nos campos estrangeiros. Apesar de suas origens no contexto norte-americano e de manifestarem sentimentos patrióticos, os primeiros adventistas desenvolveram uma postura crítica em relação ao imperialismo à medida que sua mensagem se espalhava por regiões tocadas por essas políticas.

Palavras-chave: Adventismo. Imperialismo. Colonialismo. Evangelização. Destino Manifesto.

Abstract

This article investigates the relationship between Adventism and anti-imperialism during the late 19th and early 20th centuries. Employing documentary and bibliographic research, the study examines how Adventist biblical beliefs and apocalyptic eschatology provided a framework for critiquing the imperialist and ethnocentric ideologies prevalent at the time. By analyzing primary sources, the text explores the tensions that arose between the Adventist Christian mission and the realities of colonialism. The data reveal that while Adventists promoted their faith, they simultaneously confronted and reinterpreted imperialist power dynamics both domestically and in the mission fields. Despite their North American origins and patriotic sentiments, early Adventists developed a critical stance toward imperialism as their message expanded to regions impacted by these policies.

Keywords: Adventism. Imperialism. Colonialism. Evangelization. Manifest Destiny.

Artigo submetido em 23 de agosto de 2024 e aprovado em 07 de março de 2026.

* Doutor em Teologia (Tradições e Escrituras Sagradas) pela Escola Superior de Teologia (EST - São Leopoldo, RS), Mestre em Teologia (Leitura e Ensino da Bíblia) pela EST (2015). Docente do curso de Teologia do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). País de origem: Brasil. ORCID: 0000-0001-9883-2638. E-mail: pr_isaac@yahoo.com

** Doutora em teologia pela Escola Superior de Teologia (EST, São Leopoldo-RS), mestra em teologia pela Escola Superior de Teologia (EST, São Leopoldo-RS), professora do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP, ENgenheiro Coelho-SP). País de origem: Brasil. ORCID: 0000-0003-1726-9674. E-mail: vanessarmeira@gmail.com.

Introdução

Pesquisas recentes têm sugerido que a crítica protestante ao imperialismo americano na segunda metade do século XIX e início do século XX foi mais extensa do que se pensava. O quadro religioso nos EUA desse período não era monolítico com relação ao imperialismo, mas havia um debate. Embora vários protestantes apoiassem a expansão dos EUA, muitos outros expressaram oposição ao imperialismo americano (Rosario, 2022, p. 351).¹

Os adventistas do sétimo dia, por exemplo, denunciaram em seus periódicos oficiais as ações colonialistas como apostasia nacional, especialmente nos contextos de ocupação na China, na Guerra Hispano-Americana e na anexação das Filipinas, no final do século XIX. Muitos textos adventistas da época também manifestaram alguma simpatia pelas *motivações e justificativas* chinesas para a Revolta dos Boxers (1899-1900), na China, apesar de lamentarem a violência.

Essa não era a visão dominante entre os protestantes americanos, que, numa síntese entre nacionalismo e religiosidade, viam a marcha imperialista como parte do esforço missionário cristão, ou, pelo menos, como um mal que resultaria em bem: abriria porta para a pregação do evangelho (Cherry, 2014).

No século XIX, tornou-se popular a ideia de um “Destino Manifesto” (termo usado por John L. O’Sullivan em 1845), que afirmava que a expansão territorial norte-americana era uma missão providencial, autorizada pela vontade divina e destinada a levar civilização, liberdade e progresso, carregando um forte componente de superioridade moral e étnica (Domingues, 2012, p. 95-118). Paralelamente, consolidou-se o “excepcionalismo americano”, a crença de que os EUA possuíam um papel singular na história universal, como nação eleita, guardiã da liberdade e modelo para os demais povos.² Ambos os conceitos funcionavam como matrizes ideológicas que justificavam expansão militar,

¹ Um exemplo de iniciativa anti-imperialista interdenominacional foi a publicação de *The Moral and Religious Aspects of the So-Called Imperial Policy: Discussed by Representative Clergymen of Many Denominations*, pela Liga Anti-imperialista dos EUA, em 1899 – que juntou episcopais, congregacionalistas, presbiterianos e batistas nos questionamentos das ações imperialistas dos EUA na Ásia e nas Filipinas (Tompkins, 1970, p. 185).

² As raízes do “excepcionalismo americano” remontam aos puritanos, como John Winthrop e sua imagem da “cidade sobre o monte”, em 1630. Mais tarde, o conceito foi descrito por Tocqueville ao observar o país como a primeira grande democracia moderna formada por imigrantes (1835 e 1840).

intervenção externa e superioridade moral da nação.

Por outro lado, o *ethos* adventista inicial combinava desconfiança do poder imperial, crítica à guerra e à violência estatal, e uma visão de si mais como um povo rumo ao fim dos tempos do que como um ator comprometido com projetos nacionais. Assim, os adventistas estavam na contramão do nacionalismo cristão da segunda metade do século XIX, denunciando as falhas morais da política externa dos EUA. A análise das fontes adventistas sobre imperialismo parte desse contraste estrutural: de um lado, uma cultura nacional que sacralizava a expansão dos EUA; de outro, uma comunidade religiosa que, por convicção teológica, via com reservas qualquer forma de supremacia nacional, militarismo ou projeto civilizatório coercitivo.

Para evidenciar a relação entre adventismo e anti-imperialismo, esta pesquisa analisará artigos selecionados publicados em periódicos adventistas entre 1864 (quando foi detectada a primeira crítica anti-imperialista nesses periódicos) e 1915 (ano do falecimento da líder pioneira Ellen G. White, que encerra a era da liderança fundacional). Essa delimitação temporal permite analisar o anti-imperialismo adventista enquanto ainda moldado pela geração dos fundadores e antecede as grandes mudanças na política externa dos EUA geradas pela Primeira Guerra Mundial.

Os impressos adventistas do final do século XIX e início do século XX desempenharam papel central na formação teológica, na coesão organizacional e na participação da denominação nos debates públicos. Os periódicos consultados representam diferentes funções nesse universo editorial: informativos institucionais (como a *Review and Herald* e o *General Conference Bulletin*); defensores da liberdade religiosa (como o *American Sentinel*); revistas evangelísticas (como *Signs of the Times* e *Present Truth*); material para jovens (*The Youth's Instructor*); e impressos missionários (como *Missionary Magazine*, *Union Conference Record* e *The Bible Echo*). Embora a análise não seja exaustiva, devido às limitações de espaço, serão citados textos e dados considerados representativos. Nos casos em que não foi possível identificar a autoria, os artigos

foram atribuídos ao(s) editor(es) dos periódicos.³

Esta pesquisa se desenvolve em três passos: começa examinando o artigo *Our Country* (1864) como origem da crítica adventista ao imperialismo; depois amplia a análise para outras declarações pioneiras, destacando suas bases teológicas e críticas ao uso imperial da missão; e conclui mostrando que esse anti-imperialismo não era antiamericano, mas combinava lealdade civil com denúncia dos excessos expansionistas dos EUA.

1 Análise do artigo *Our Country* (1864)

O artigo *Our Country*, de autoria anônima, foi publicado no principal periódico adventista, em 1864. A relevância desse artigo se deve ao fato de ter sido publicado logo após a Igreja Adventista ter sido oficialmente organizada como uma denominação em 1863, e ele dá o tom à crítica anti-imperialista dos primeiros adventistas. O texto começa denunciando a ideia de ver os EUA como o novo Israel de Deus: “É uma ideia bastante popular entre muitos considerar este país como o verdadeiro Israel. Esta engenhosa perversão das Sagradas Escrituras tem o propósito de lisonjear nosso povo com as esperanças e promessas feitas a Israel” (White, 1864, p. 90, tradução nossa).⁴

Desde a época dos peregrinos e pais fundadores, muitos norte-americanos se viam como um povo escolhido, como o novo Israel de Deus (Linder, 1975, p. 414; Gorski, 2019, p. 38). Os contornos precisos da comparação com o antigo Israel variavam, mas o conteúdo desse paralelo se manteve consistente nas gerações posteriores, até culminar no excepcionalismo americano do *Destino Manifesto*, no século XIX.

O artigo *Our Country* parece se referir a essas crenças quando relata haver entre os líderes políticos patriotas norte-americanos um discurso recorrente a respeito da “missão redentora de nossa nação” (White, 1864, p. 90, tradução

³ Além dos autores denominacionais, os periódicos adventistas frequentemente publicavam textos de figuras públicas, religiosas e intelectuais. A identificação dos autores, porém, era irregular: alguns nomes eram citados apenas por iniciais, e muitos textos eram anônimos ou reproduzidos sem indicação clara de origem. Essas práticas editoriais dificultam a identificação precisa de todos os autores envolvidos no debate.

⁴ “It is a pet notion with many to set this country forward as the true Israel. This ingenious perversion of the Holy Scriptures is for the purpose of flattering our people with the hopes and promises made to Israel”.

nossa).⁵ Os norte-americanos disseminavam pelo mundo suas ideias particulares de civilização, emancipação e conversão religiosa, e “a raça anglo-saxônica é aquela a quem multidões atribuem essa sublime missão” (White, 1864, p. 90, tradução nossa).⁶ Contudo, o artigo avalia negativamente essa pretensão: “Isso também consideramos uma completa ilusão” (White, 1864, p. 90, tradução nossa).⁷

O artigo também questiona a alegada superioridade dos povos anglo-saxões. Segundo o texto, a raça anglo-saxônica “precisa de muita civilização, emancipação e conversão para ser procurada para a realização de tanto. Como pode alcançar para a humanidade o que nunca foi capaz de alcançar para si mesma?” (White, 1864, p. 90, tradução nossa).⁸ Supondo que os anglo-saxões tornassem o mundo semelhante a eles mesmo, o texto questiona:

[...] o que seria senão um mundo imoral, — um mundo materialista, cético, não santificado, — um mundo dez vezes mais servo e escravo do diabo [...]? Com toda a piedade, fé, santidade, fervor missionário e nobreza real que foram desenvolvidos entre os anglo-saxões, estimados com respeito a seus privilégios superiores, as pessoas mais perversas, ímpias, hipócritas, ateístas e desafiadoras do céu na terra foram, e até hoje são, esses mesmos anglo-saxões (White, 1864, p. 90, tradução nossa).⁹

No século XIX e início do século XX, o anglo-saxonismo foi uma ideologia que enfatizava a superioridade racial e cultural dos povos de origem anglo-saxônica, contando até mesmo com o apoio de cientistas (Horman, 1981). Essa visão era frequentemente associada a ideias de imperialismo, colonialismo e supremacia racial, sugerindo que os povos anglo-saxões eram naturalmente destinados a governar outras raças e civilizações.

De acordo com o artigo *Our Country*, os anglo-saxões afirmavam ser depositários da verdadeira religião cristã, mas sustentavam práticas políticas ao redor do mundo descritas como “entorpecentes e desumanizantes abominações”

⁵ “[the] redemptive mission of our nation”.

⁶ “The Anglo-Saxon race at least is that to which multitudes assign this sublime mission”.

⁷ “This, too, we regard as entirely a delusion”.

⁸ “[The Anglo-Saxon race] needs quite too much civilizing, enfranchising, and conversion itself, to be looked to for the accomplishment of so much. How can it achieve for mankind what it has never been able to achieve for itself?”

⁹ “what would it be but an immoral world,—a materialistic, skeptical, unsanctified world,—a world tenfold more the servant and thrall of the devil [...]? With all the godliness, faith, saintship, missionary fervor, and real nobility which have been developed among the Anglo-Saxons, estimated with respect to their superior privileges, the most wicked, godless, hypocritical, atheistic, and heaven-defying people on earth have been, and to this day are, these selfsame Anglo-Saxons”.

(White, 1864, p. 90, tradução nossa).¹⁰ Em oposição ao tom triunfalista do anglo-saxonismo, os adventistas descreveram assim as campanhas imperialistas de dominação:

É a raça anglo-saxônica que se gaba de ser a grande apóstola dos princípios da retidão e do governo justo, e ainda assim envenena milhões de chineses anualmente, reforçando a imposição com frotas armadas; toma a América dos índios, e o Scinde¹¹ de seus legítimos donos, por roubo e assassinato; mata raças de homens para obter território ao qual não tem direito; faz tratados para saquear aqueles que os assinam, quebra-os para ganhar terras, explode os indefesos em átomos porque eles ousam protestar e buscam autopreservação pela força das armas. A raça anglo-saxônica professa ser a mensageira da paz, mas carrega uma espada sempre quente com sangue, e frequentemente com o sangue de seus próprios parentes próximos (White, 1864, p. 90, tradução nossa).¹²

Em evidente oposição ao anglo-saxonismo, o texto afirma:

Em uma palavra, a raça anglo-saxônica é uma personificação da mesma humanidade depravada encontrada em todos os lugares da Terra, apenas um pouco mais bem disfarçada com farisaísmo, uma falsidade ousada e o espírito de ganho mundano [...]. Longe de olhar para tal povo como os instrumentos predestinados para converter e regenerar a humanidade, sentimos, com um certo clérigo da Inglaterra, que “a depressão da raça saxônica é absolutamente necessária para a melhoria moral e religiosa do mundo”. Longe de ser o redentor que os homens gostariam, ele precisa ser colocado fora do caminho, para que a redenção prometida possa vir. De qualquer forma, não há nada nele de esperançoso sobre o qual calcular a segurança de nosso país (White, 1864, p. 90, tradução nossa).¹³

Na avaliação adventista, a missão cristã de evangelização também era comprometida pela postura imperialista dos anglo-saxões: “A raça anglo-saxônica se apresenta como a missionária do Céu e a evangelizadora da humanidade; no entanto, é a propagandista mais bem-sucedida da Terra do ateísmo, da infidelidade e da resistência à autoridade legal; a educadora de nações

¹⁰ “[...] besotting, and dehumanizing abominations”.

¹¹ Scinde, atualmente conhecida como Sindh, é uma província localizada no sudeste do Paquistão. No século XIX, esta região pertencia à Índia e foi anexada ao Império Britânico em 1843.

¹² “It is the Anglo-Saxon race which boasts of being the great apostle of the principles of righteousness and just government, and yet poisons millions of the Chinese annually, enforcing the infliction with armed fleets; takes America from the Indians, and the Scinde from its lawful possessors, by robbery and murder; kills races of men to get territory to which it has no claim; makes treaties to plunder those who enter into them, breaks them to gain lands, blows the helpless to atoms because they dare to remonstrate and seek self-preservation by force of arms. The Anglo-Saxon race professes to be the messenger of peace, yet carries a sword ever warm with blood, and often with the blood of its own immediate kindred”.

¹³ “In a word, the Anglo-Saxon race is an embodiment of the same depraved humanity found everywhere upon earth, only a little better cloaked with Pharisaism, a daring falsehood, and the spirit of worldly gain, a little more pretistically sentimental, a little more unflinchingly self-idolatrous, and a little in advance of the apostate nations on their way to the judgments of God Almighty. So far from looking to such a people as the predestined instruments to convert and regenerate mankind, we feel rather, with a certain divine of England, that “the depression of the Saxon race is absolutely necessary for the moral and religious improvement of the world.” So far from being the redeemer which men would have it, it needs rather to be put out of the way, that the promised redemption may come. At any rate, there is in it nothing hopeful upon which to calculate upon security for our country”.

em rebelião e egoísmo supremo” (White, 1864, p. 90, tradução nossa).¹⁴

Referindo-se especificamente aos EUA, o texto declara que “Deus pode passar sem esta nossa nação, se ele achar adequado, assim como com ela. [...] Nenhuma nação, mais do que qualquer homem, é necessária para ele” (White, 1864, p. 91, tradução nossa).¹⁵ O artigo critica o orgulho e a vaidade nacional, bem como a idolatria de si mesmo e do país como uma “ilusão maliciosa” (White, 1864, p. 91, tradução nossa),¹⁶ deixando pouco espaço para algum tipo de nacionalismo cristão.

O artigo está em oposição ao excepcionalismo americano, mas amplia a crítica à idolatria dos governos e à futilidade dos sistemas humanos em geral: “Todos os governos humanos são defeituosos, não confiáveis e transitórios; e não há base na verdadeira teologia, moral ou religião sobre a qual possamos excetuar o nosso [governo]” (White, 1864, p. 91, tradução nossa).¹⁷

Esse tom negativo denota um ceticismo político generalizado, alertando sobre as qualidades opressivas presentes em todos os sistemas políticos:

Tirania e opressão, na igreja e no estado, sob todas as formas de governo, social, civil, eclesiástico, monárquico, aristocrático ou democrático, têm, mais cedo ou mais tarde, caracterizado os governos da terra, e o fizeram desde o início... *É somente o domínio do céu que pode redimir este mundo caído.* [...] Há apenas um governador legítimo e competente da terra; e Ele é um Rei. Ele está ausente agora. Enquanto Ele estiver ausente, e o estabelecimento literal de Seu reino for adiado, não haverá nada além de decepção, revolução e problemas em todos os cálculos e assuntos humanos (White, 1864, p. 91, tradução nossa).¹⁸

O texto sintetiza o ceticismo político numa frase: “Os governos e reinos deste mundo são apenas o domínio organizado da apostasia humana de Deus; e nada digno de confiança pode ser esperado deles” (White, 1864, p. 91, tradução

¹⁴ “The Anglo-Saxon race gives itself out as the missionary of Heaven, and the evangelizer of mankind; yet it is earth’s most successful propagandist of atheism, infidelity, and resistance to lawful authority; the educator of nations in rebellion and supreme selfishness”.

¹⁵ “God can do without this nation of ours, if he sees fit just as well as with it. [...] No nation, any more than any man, is necessary to him”.

¹⁶ “mischievous delusion”.

¹⁷ “All human governments are defective, unreliable, and transient; and there is no basis in true theology, morals, or religion upon which to except ours [...]”.

¹⁸ “Tyranny and oppression, in church and state, under every form of government, social, civil, ecclesiastical, monarchical, aristocratical, or democratic, have, sooner or later, characterized the governments of earth, and done so from the beginning... *It is the sway of heaven alone that can redeem this fallen world.*” [...] There is but one rightful and competent governor of earth; and He is a King. He is absent now. And while He is absent, and the literal setting up of His kingdom is delayed, there will be nothing but disappointment, revolution, and trouble in all human calculations and affairs”.

nossa).¹⁹ Qualquer esperança de redenção depositada em governos era vista como ilusória e fadada ao fracasso.

A desilusão retratada no texto não é apenas com a política partidária da época, mas também com o tipo de intervenção que os cristãos poderiam fazer para mudar o quadro desolador: “O fato é que, no curso atual das coisas, não há remédio. O ministério e as igrejas são impotentes contra a maré de maldade e deserção que se aproxima [...]” (White, 1864, p. 91, tradução nossa).²⁰

Apesar disso, o texto traz um fio de esperança de natureza essencialmente espiritual e teologicamente escatológica:

Ainda assim, não estamos desamparados. Temos esperanças e consolações muito mais elevadas do que qualquer coisa que pareça estar no caminho do mero progresso e desenvolvimento humano. Elas não estão baseadas em nosso país, na excelência de sua Constituição, na integridade de sua União, na força de seus recursos, na piedade de seu povo, na reforma de suas administrações ou em qualquer coisa que possa surgir dele. [...] Nossa esperança está em Cristo Jesus e em sua vinda iminente para estabelecer um reino que nunca será destruído ou abandonado, mas que quebrará em pedaços e consumirá todos esses reinos, e permanecerá para sempre (Dn 2:44) (White, 1864, p. 91, tradução nossa).²¹

Ao final, o autor do texto afirma que os leitores devem, “acima de todas as coisas, assegurar para si um ponto de apoio firme no mundo espiritual [...]” (White, 1864, p. 91, tradução nossa),²² evidenciando a natureza teológica de sua manifestação.

2 Outras declarações anti-imperialistas dos pioneiros adventistas

O artigo *Our Country* não foi um mero espasmo anti-imperialista entre os adventistas. As declarações anti-imperialistas iam aparecendo cada vez mais nas publicações denominacionais à medida que se aproximava a virada do século XIX para o século XX. Segundo Rosario (2022, p. 355-356), havia nos Estados Unidos,

¹⁹ “The governments and kingdoms of this world are but the organized dominion of human apostasy from God; and nothing fit to be reposed in is to be expected from them”.

²⁰ “The ministry and churches are powerless against the incoming tide of evil and defection [...]”.

²¹ “Still, we are not comfortless. We have hopes and consolations far higher than any which seem to lie in the path of mere human progress and development. They are not built upon our country, the excellence of its Constitution, the integrity of its Union, the strength of its resources, the piety of its people, the reform of its administrations, or upon anything that can come out of it. [...] Our hope is in Christ Jesus, and his speedy coming to set up a kingdom which shall never be destroyed or left, but which shall break in pieces and consume all these kingdoms, and shall stand forever. Daniel 2:44”.

²² “Let it be the profound concern of everyone, above all things, to secure for himself a firm foothold in the spiritual world [...]”.

de 1898 a 1902, mais de vinte escritores adventistas contribuindo com conteúdo anti-imperialista para os principais periódicos da igreja.²³ Portanto, por causa do espaço, esta pesquisa não será exaustiva, mas citará textos e dados representativos.

Na primeira página de uma edição da revista adventista *American Sentinel* de 1899 havia uma imagem parodiando a tentação de Cristo no deserto, na qual uma pessoa chamada “Liberdade” era tentada por um diabo chamado “Despotismo”, que carregava uma bandeira onde estava escrito “Imperialismo”. E a legenda dizia:

Os Estados Unidos estão no alto cume da grandeza nacional e, desse terreno vantajoso, o tentador apresenta todas as glórias do imperialismo, que ele dará simplesmente em troca de homenagem a si mesmo. [...] Qual será a decisão? Irá dizer ao tentador: “Para trás de mim”? Ou deixará para trás a Constituição e a Declaração de Independência e se curvará aos ditames do despotismo? (*American Sentinel*, 1899, p. 97, tradução nossa).²⁴

Nesse artigo, as mortes provocadas pela Guerra Filipino-Americana em 1899 são chamadas de “primeiros frutos do imperialismo”, e a política de conquista estrangeira dos EUA é fortemente criticada como injustificável e “genuíno imperialismo” (*American Sentinel*, 1899, p. 98, tradução nossa).²⁵ Ainda nesse contexto, os adventistas argumentaram teologicamente a favor do respeito aos direitos humanos (Jones, 1899, p. 98, tradução nossa).

Comentando sobre a Revolta dos Boxers, na China, um periódico adventista chamou, em 1900, as nações ditas cristãs envolvidas no conflito de “bárbaros das terras civilizadas” e “hordas de bandidos brancos”, e faz uma forte declaração sobre a suposta superioridade anglo-saxônica: “A posse de uma pele branca e o conhecimento dos modos da civilização não são prova de que um indivíduo não seja um bárbaro tão puro quanto qualquer outro que já existiu. E é de tais indivíduos que as chamadas ‘nações cristãs’ são em grande parte

²³ Rosario descreve esses escritores como teólogos, pastores, editores, administradores e educadores, de diferentes regiões dos EUA.

²⁴ “The United States stands upon a lofty summit of national greatness, and from this vantage ground the tempter presents all the glories of imperialism, which he will give simply in return for homage to himself. [...] What will be the decision? Will she say to the tempter, “Get thee behind me”? or will she put behind her the Constitution and Declaration of Independence, and bow to the dictates of Despotism?”

²⁵ “[This is] the first fruits of imperialism”; “[It is] genuine imperialism”.

compostas” (Smith; Bollman, 1900, p. 621, tradução nossa).²⁶

Em 1902, numa reflexão sobre a guerra entre os EUA e as Filipinas, foi escrito que: “Quando se trata de uma guerra racial, particularmente uma guerra dos anglo-saxões contra uma raça de cor, a deterioração moral do homem branco é facilitada pelo desprezo, pela arrogância e pela injustiça” (Schurman, 1902, p. 404, tradução nossa).²⁷

Outras manifestações como essas podem ser encontradas nos periódicos adventistas no final do século XIX e início do século XX. Dessa forma, observa-se que o teor do artigo *Our Country* foi replicado e ampliado em artigos posteriores. Porém, é útil examinar as bases de sustentação do discurso anti-imperialista encontrado nos periódicos adventistas.

2.1 Fundamentos teológicos do anti-imperialismo adventista

Os adventistas já denunciavam o abuso de poder político dos EUA desde antes da guerra civil, em seus escritos abolicionistas (Burton, 2020). No entanto, o papel dos EUA na questão da escravidão e da opressão de outras nações não era encarado apenas como uma questão política, mas também como uma questão espiritual. Da mesma forma, o anti-imperialismo de vários pioneiros adventistas tinha raízes em suas visões teológicas e seu zelo pela evangelização do mundo (Rosario, 2022, p. 350).

Muitos adventistas articularam sua posição contra o imperialismo americano com base no entendimento adventista das profecias de Apocalipse 13, identificando as ações dos EUA com as ações opressoras da “segunda besta” mencionada em Apocalipse 13:11-18. Esta besta é descrita como surgindo da terra, tendo dois chifres como um cordeiro, mas falando como um dragão. Essa descrição foi vista pelos adventistas como uma representação de uma nação que se apresenta como pacífica e cristã, mas que, eventualmente, exerce poder

²⁶ “[...] these barbarians from civilized lands. [...] these hordes of white bandits [...]. The possession of a white skin and a knowledge of the ways of civilization are no proof that an individual is not as pure a barbarian as ever lived. And of such individuals the so-called Christian nations are in large part composed”.

²⁷ “When it is a race war, particularly a war of Anglo-Saxons against a colored race, the white man's moral deterioration is facilitated by contempt, by arrogance and by injustice”.

coercitivo.

Em 1843, antes da formalização da denominação adventista, quando os adventistas eram um movimento interdenominacional, o pioneiro Charles Fitch já apelava para que os cristãos norte-americanos saíssem de Babilônia, usando a participação protestante na escravidão negra como base para identificar Babilônia:

[...] como é a cristandade protestante [?] Como ela está ocupada? Ela não está envolvida, para seu próprio engrandecimento, em toda a espécie de comércio atribuído à Babilônia, mesmo de escravos e almas de homens? O espírito de opressão reina, em maior ou menor parte das seitas principais, sem repreensão; e um homem pode vender ou comprar seu semelhante e então sentar-se à mesa da comunhão, ou mesmo ministrar no altar de Deus, e não ser reprovado pela massa da cristandade protestante (Fitch, 1843, tradução nossa).²⁸

A escatologia do adventismo pioneiro continuou citando a escravidão negra como prova de que os Estados Unidos eram a besta semelhante a um cordeiro que falava como dragão (Andrews, 1851, p. 81-86; Smith, 1853, p. 18; Loughborough, 1854, p. 65-68). Também ensinavam que atender ao apelo divino para sair de Babilônia, em Apocalipse 18:4-5, incluía remover o apoio aos aspectos opressivos das políticas dos EUA, pois Babilônia é descrita como mercadejando “escravos e almas de homens” (Apocalipse 18:13) (O’Reggio; Zivadinovic, 2012). Esse era um discurso surpreendentemente oposto à teologia ufanista da época, que identificava os EUA como o novo Israel de Deus.

No entanto, não era a única base teológica da crítica adventista. Também se apoiaram na crença na criação divina do homem a partir de um único casal, e na crença arminiana de que Deus disponibilizou salvação a todos os seres humanos.

Em 1880, um periódico adventista dedicado aos jovens, trouxe um longo artigo que explicava o histórico da situação dos indígenas nativos dos EUA. O texto diz que o homem branco “invadiu o lar do selvagem”, acrescenta que os nativos foram expulsos e massacrados para “satisfazer a crescente avareza do

²⁸ “[...] how is it with Protestant Christendom. How is she occupied? Is she not engaged, for her own aggrandizement, in every species of merchandise ascribed to Babylon, even to slaves and the souls of men? The spirit of oppression reigns, in greater or less portions of the leading sects, unrebuked; and a man may sell or buy his fellow-man, and then sit at the communion table, or even minister at the altar of God, and by the mass of Protestant Christendom go unproved”.

homem branco”, e a principal explicação foi encontrada no texto bíblico: “O amor ao dinheiro é a raiz de todos os males” (1 Timóteo 6:10) (White; Merriam, 1880, p. 41, tradução nossa).²⁹ O artigo termina com uma triste predição: “a marcha da civilização continuará até que todos os vestígios do homem vermelho sejam apagados do solo americano” (White; Merriam, 1880, p. 41, tradução nossa).³⁰

A crença de que o corpo é templo do Espírito Santo e a preocupação com a temperança e a saúde foi outra base teológica usada por autores adventistas. No caso da Guerra do Ópio, por exemplo, várias publicações adventistas argumentaram que o comércio de ópio era condenável por seu efeito lamentável na saúde da população chinesa, além de representar uma afronta à soberania chinesa e criar um preconceito contra a presença de missionários estrangeiros (Hare, 1900a, p. 52; Hare, 1900b, p. 754-755; Hare, 1901a, p. 234; Hare, 1901c, p. 506-507; Hare, 1901d, p. 202).³¹

Os adventistas estiveram envolvidos com o Movimento de Temperança, um forte movimento de reforma social que resultou, dentre outras coisas, na aprovação da Lei Seca nos EUA em 1919 (Miller, 2011). Ao final do século XIX, eles já tinham uma mensagem sobre o vínculo entre saúde e espiritualidade bem desenvolvida e bem conhecida. Assim, a oposição adventista ao comércio de ópio não se apoiava apenas em questões políticas, econômicas e diplomáticas, mas também em suas crenças bíblicas a respeito do cuidado com o corpo.

Referindo-se à Guerra do Ópio e à Revolução dos Boxers, na China, um artigo adventista afirmou que “não há maior obstáculo para a propagação do evangelho do que o terrível hábito de fumar ópio, destruidor de corpo e alma” (Daniells, 1900, p. 3, tradução nossa).³² Apelando para a questão econômica, esse artigo lamenta que o vício tenha sido imposto sobre os chineses pelo governo e pelos comerciantes de uma nação que se dizia cristã por uma questão de lucro. No entanto, o artigo adiciona argumentos que apelam à temperança cristã, dizendo: “A mente do fumante de ópio torna-se embotada, sua natureza moral

²⁹ “[...] and invaded the home of the savage”; “[...] to satisfy the growing avarice of the incoming white man”.

³⁰ “[...] the onward march of civilization will continue till all traces of the red man will be obliterated from American soil”.

³¹ O periódico *The Bible Echo* era publicado na Austrália, mas contava com vários norte-americanos na equipe editorial e representava bem a opinião dos adventistas dos EUA.

³² “there is probably no greater obstacle to the spread of the gospel than the terrible body and soul destroying habit of opium-smoking”.

distorcida e, por fim, completamente destruída, seu maior objetivo sendo a gratificação do hábito ao qual se tornou escravo, e nada além do poder de Deus pode quebrar suas correntes” (Daniells, 1900, p. 3, tradução nossa).³³

Dessa forma, a mensagem adventista sobre o cuidado com a saúde fazia parte do arcabouço teórico que fundamentava a crítica anti-imperialista no contexto da Guerra do Ópio e da Revolta dos Boxers. Apesar da postura anti-imperialista dos adventistas parecer semelhante à de outros atores históricos da época, o conteúdo e o tom de seu discurso são específicos.

Como já havia sido exposto no artigo *Our Country* (White, 1864), as críticas anti-imperialistas adventistas também continham argumentos antropológicos formulados usando o “ponto de vista da Bíblia”, a “Palavra inspirada”, como principal moldura (American Sentinel, 1898, p. 56, tradução nossa).³⁴

Portanto, à luz das evidências disponíveis, seria imprecisa a impressão de que a resistência à atitude imperialista dos EUA veio apenas de setores teologicamente liberais do protestantismo (Rosario, 2022, p. 350, 356-357). Os adventistas rejeitaram o liberalismo teológico no final do século XIX³⁵ e, posteriormente, se definiram como teologicamente conservadores (Vyhmeister, 2011, p. 1). Contudo, isso não foi um impedimento às suas manifestações anti-imperialistas, pelo contrário, foi o fundamento delas.

2.2 Interações com as correntes teóricas de sua época

Há algumas evidências de que os adventistas não estavam sendo apenas “pessoas de seu tempo” ao assumirem essas posições. Baseados na crença de que Deus criou todos os seres humanos a partir de um único casal, os adventistas não endossavam as noções ocidentais de civilização baseada na raça. Em vez disso, categorias bíblicas espirituais foram utilizadas para classificar os seres humanos

³³ “The mind of the opium-smoker becomes dulled, his moral nature warped, and at length utterly destroyed, his highest aim being the gratification of the habit to which he has become a slave, and nothing but the power of God can break his chains”.

³⁴ “From a Bible standpoint [...]”; “[...] for the inspired Word [...]”.

³⁵ A pioneira adventista Ellen White escreveu fortes advertências contra a “Alta Crítica” (crítica histórica) utilizada pela teologia liberal, que, segundo ela, envolvia dissecar e reconstruir a Bíblia, minando a fé nas Escrituras como a Palavra de Deus. Ela via a “Alta Crítica” como uma ferramenta enganosa de Satanás, que destruída o poder da Bíblia de inspirar e elevar pessoas (White, 2003, p. 227; White, 1986, p. 245; cf. Smith, 2014, p. 462).

como iguais (American Sentinel, 1898, p. 56).

Na mesma época, ideias darwinistas eram usadas para explicar e até justificar a expansão imperialista. Em 1871, Charles Darwin concordando com a ideia de que o progresso dos EUA e o caráter do povo eram resultados da seleção natural, atribuiu a emigração anglo-saxônica para o oeste ao desenvolvimento civilizatório (Darwin, 1981 p. 179). Além disso, em declarações controversas, colocou o negro e o australiano em posição de inferioridade ao caucasiano (Darwin, 1981, p. 201).³⁶

Tais noções racializadas do conceito de civilização estavam em oposição ao igualitarismo que os adventistas sustentaram desde a época em que estiveram profundamente engajados na defesa da antiescravidão (da década de 1840 até a Guerra Civil). Tais conceitos sobre uma suposta inferioridade de certas raças, além de serem apontados como antibíblicos, foram identificados como influências deletérias sobre as decisões políticas dos governos nas décadas de 1890 e 1900 (Rosario, 2022, p. 358).

Em 1892, um artigo adventista questionou o estabelecimento de hierarquias entre raças humanas, declarando que cada ser humano é humano (Tenney, 1892, p. 145). Além de relativizarem o conceito de raças, os adventistas relativizaram a importância das nacionalidades: “Nenhum cristão pensa em qualquer homem como inglês, alemão, francês, russo, turco, chinês ou africano; mas simplesmente como um homem e, portanto, um possível herdeiro de Deus por meio de Cristo” (Hallan, 1901, p. 194, tradução nossa).³⁷

Enquanto Darwin dizia, em 1871, que as nações ocidentais da Europa estavam no auge da civilização (Darwin, 1981, p. 178), os adventistas questionavam o conceito de civilização das “pessoas brancas inteligentes e civilizadas” (American Sentinel, 1898, p. 56, tradução nossa)³⁸ que ainda torturavam e matavam pessoas de outras etnias consideradas inferiores

³⁶ Para uma recente exposição das ideias etnocêntricas e racistas supostamente presentes nos escritos de Darwin, ver os capítulos 5 e 7 de DeSilva (2021).

³⁷ “No Christian thinks of any man as English, German, French, Russian, Turk, Chinese, or African; but simply as a man, and, therefore, a possible heir of God through Christ”.

³⁸ “[...] intelligent and civilized white people [...]”.

(American Sentinel, 1898, p. 56).³⁹

No início do século XX, periódicos adventistas rotularam como escravistas os argumentos sobre as supostas raças inferiores (Bradley, 1903, p. 100) e anunciavam que a supremacia do homem branco estava sendo desafiada pelo despertar de outros povos, e isso estava provocando um problema racial de nível mundial (Shafer, 1912, p. 195). Um missionário adventista na China lamentou o preconceito racial dos europeus, e especialmente dos anglo-saxões, contra o povo chinês (Howell, 1900, p. 10).

Assim, em geral, os autores adventistas estavam indo contra ideias eurocêntricas e racistas popularizadas em sua época, inclusive entre críticos das políticas colonialistas, como Marx, por exemplo (Moore, 2010; Ree, 2018; Lima, 2019; Lindner, 2010; Said, 1978, p. 155).⁴⁰ É interessante contrapor algumas declarações de pioneiros adventistas com declarações eurocêntricas⁴¹ de Marx a respeito dos povos e das raças, levando em conta a crescente influência de Marx no contexto do final do século XIX e início do século XX.

No pensamento de Marx, há uma ambiguidade, que, ao mesmo tempo em que condenava, por exemplo, o colonialismo dos ingleses (Lindner, 2010, p. 27), acreditava que a Inglaterra tinha que cumprir uma dupla missão na Índia: uma destrutiva e outra regenerativa (Marx, 2010, p. 217).⁴² Mesmo mantendo a futura revolução socialista no horizonte, Marx via consequências positivas na colonização (Marx, 2010, p. 131-132).⁴³ Como uma espécie de mal necessário, o período burguês da história criaria as condições materiais de um novo mundo (Marx, 2010, p. 222).⁴⁴ Por sua vez, os textos adventistas consultados nesta pesquisa geralmente não fazem tais concessões ao colonialismo/imperialismo.

O discurso adventista parece estar alinhado aos discursos anti-

³⁹ A referência era a um incidente em que dois indígenas suspeitos de crime foram queimados numa fogueira por uma multidão branca em Oklahoma, em 1898.

⁴⁰ Parece que o pensamento de Marx evolui a esse respeito, e, com o tempo, ele desenvolve uma visão menos eurocêntrica. Para uma recente apologia, que rejeita a noção de que Marx era eurocentrista, ver Anderson (2019).

⁴¹ Lindner (2010, p. 6) categorizou Marx como eurocêntrico mesmo levando em conta quatro definições diferentes de eurocentrismo.

⁴² Texto foi publicado originalmente sob o título “The Future Results of British Rule in India”, no *New York Daily Tribune*, em 08 ago. 1853.

⁴³ Texto foi publicado originalmente sob o título “The British Rule in India”, no *New York Daily Tribune*, em 25 jun. 1853.

⁴⁴ Texto foi publicado originalmente sob o título “The Future Results of British Rule in India”, no *New York Daily Tribune*, em 08 ago. 1853.

imperialistas políticos, mas a semelhança é apenas superficial, pois, além dos fundamentos serem diferentes, os adventistas também criticavam a visão de mundo de outros atores do cenário anti-imperialista. Por exemplo, em 1902, ao mesmo tempo em que denunciavam o imperialismo ocidental, os adventistas alertavam sobre os perigos da crescente divulgação dos princípios de Karl Marx e Ferdinand Lassalle na Alemanha (Farnsworth, 1903, p. 36).⁴⁵ Os cristãos foram alertados sobre o avanço do anarquismo e do comunismo (Haskell; Butler; Smith; Waggoner, 1887, p. 137). Outro artigo apresentou como inimigos dos EUA o socialismo e o comunismo, dentre outros (Haskell; Butler; Smith; Waggoner, 1888, p. 90).

Por outro lado, a visão capitalista também foi alvo de crítica. Uma revista adventista afirmou que “o dólar americano deveria ser o produto, e não a base, da civilização americana” (American Sentinel, 1899, p. 625, tradução nossa).⁴⁶ O amor ao dinheiro (chamado de “mamonismo”) nas nações ocidentais foi apontado como um pecado que afeta indivíduos e sociedades: “O amor ao dinheiro é o pecado que mais assedia as pessoas religiosas neste país [...] O mamonismo no Estado é a principal causa do socialismo ateu, do comunismo e do niilismo, que ameaçam os próprios fundamentos da sociedade europeia” (Hughes, 1888, p. 181, tradução nossa).⁴⁷

O capitalismo é responsabilizado pela insensibilidade ao sofrimento humano (Jones, 1897, p. 470), e a acumulação de capital é fortemente atacada:

[...] o capitalismo não é um bom jogo [...]. Estamos transformando os homens em meios para gerar capital, enquanto o capital só é tolerável quando é simplesmente um meio de desenvolver homens. Seria infinitamente mais benéfico para o bem-estar humano se cada dólar de riqueza fosse eliminado da terra, se pudéssemos ter, em vez disso, indústria, honestidade, justiça, amor e fé, do que sermos levados ainda mais longe nessa dança diabólica do capitalismo (Jones; Smith, 1899, p. 249, tradução nossa).⁴⁸

⁴⁵ O texto cita a propagação das ideias de Marx e Lassalle como evidência do crescimento da indiferença e da descrença em questões religiosas em Berlim, e alerta sobre o perigo da união entre a igreja e o estado na Alemanha.

⁴⁶ “The American dollar was meant to be the product, and not the foundation, of American civilization”.

⁴⁷ “The love of money is the easily-besetting sin of religious people in this country [...] Mammonism in the State is the main cause of the Atheistic Socialism, Communism, and Nihilism which threaten the very foundations of European society”.

⁴⁸ “[...] capitalism is not a good game [...]. We are making men the means of making capital, whereas capital is only tolerable when it is simply a means of making men. It would make infinitely more for human weal if every dollar of wealth should be cleaned from the earth, if we could have instead of it industry and honesty and justice and love and faith, than to be led much further into this devil’s dance of capitalism”.

Os males do capitalismo, na visão adventista, só seriam superados na realização escatológica, não numa revolução socialista: “Há apenas uma solução para as questões da opressão, capitalismo, dor, doença e morte, e essa é a segunda vinda de Cristo. Vamos apressar sua chegada pregando o evangelho” (Holmes, 1909, p. 4, tradução nossa).⁴⁹

Assim, a postura anti-imperialista dos adventistas não derivava essencialmente de uma visão de mundo ou ideologia externa, mas era principalmente baseada em sua plataforma teológica. Nem mesmo a necessidade de evangelização era atenuante para as críticas adventistas aos avanços imperialistas baseados na exploração e na violência.

2.3 A má representação do cristianismo nos campos missionários

Os adventistas estavam preocupados com a má representação do cristianismo no cenário internacional e no impacto negativo disso sobre a tarefa missionária da igreja. Na China, por exemplo, os missionários cristãos foram considerados pelos chineses como instrumentos da política imperialista ocidental por causa de seu envolvimento com a política, ajudando, inclusive, em negociações de tratados após a Guerra do Ópio (Preston, 2012, p. 193). Foi nesse contexto que os adventistas detectaram uma forma de imperialismo religioso (Rosario, 2022, p. 368). No entanto, a principal crítica dos adventistas era teológica: os Estados Unidos, como uma suposta nação cristã, estavam zombando da religião de Jesus (Rosario, 2022, p. 360-361). Em 1901, um artigo adventista criticava a postura dos governos que se chamavam de cristãos:

Um governo, mesmo um assim chamado governo cristão, pode se envolver no massacre sistemático de homens e ainda se sentir perfeitamente livre de qualquer “sugestão de erro”. É necessário algum outro argumento para mostrar que os governos terrenos não são cristãos? Pode haver os cristãos mais fiéis e sinceros sob o governo de todos os governos da Terra; e, no entanto, nenhum desses governos tem direito ao nome cristão. É cristão aquele que segue o exemplo de Cristo; mas não há governo na Terra que esteja aplicando os princípios enunciados por Cristo. É cristão aquele que é aceito por Cristo; mas não há hoje nenhum governo na Terra que Cristo aceite, pois Ele disse: “Meu reino não é deste mundo”. Portanto, não existe hoje uma nação cristã na Terra. Deus está salvando homens das nações que existem

⁴⁹ “There is only one solution to the questions of oppression, capitalism, pain, sickness, and death, and that is the second coming of Christ. Let us hasten its nearness by preaching the gospel”.

hoje; e aqueles que são assim, salvos Ele fará súditos da única nação cristã que estará nesta Terra. Esse será um reino eterno, e os moradores dele nunca morrerão. Dan. 7:27. Essa nação não fará guerra, não realizará conquistas, não matará homens, não enforcará assassinos, não aprisionará malfeitores; pois “as primeiras coisas já passaram”. Essa será uma nação cristã, pois não haverá ninguém além de cristãos sob esse domínio (Snow, 1901, p. 506, tradução nossa).⁵⁰

Essa má representação do cristianismo, na opinião dos adventistas, afetava o trabalho de evangelização por reproduzir e perpetuar nos colonizados o cristianismo nominal dos colonizadores: “Sob a influência dos vícios europeus, a religião que os nativos antes professaram se degenerou, em grande medida, em um mero formalismo. O fardo do homem branco caiu sobre eles, e se revelou o fardo de uma maldição” (Hare, 1901b, p. 402, tradução nossa).⁵¹

O pensamento imperialista havia distorcido o próprio conceito cristão de missão, e a missão americana (ou o “Destino Manifesto”) passou a ser definida mais claramente em termos políticos e militares. Na década de 1880 – influenciada por fatores como o darwinismo social e a superioridade anglo-saxônica – alguns pastores protestantes começaram a defender a necessidade de espalhar a civilização americana globalmente, numa expansão que exigiria ações militares (Land, 1987, p. 222). Nesse contexto, os adventistas pareciam nadar contra a corrente ao apelarem: “Cristianizar, não americanizar, deve ser o lema de todos os que trabalham pelas almas” (Green, 1900, p. 130, tradução nossa).⁵²

O envolvimento missionário levou muitos adventistas a superarem o próprio provincianismo e a tentar convencer os americanos brancos da humanidade e dignidade de outros povos,⁵³ adotando um discurso antropológico de natureza essencialmente teológica.

⁵⁰ “A government, even a so-called Christian government, can engage in the systematic slaughter of men, and yet feel perfectly free from any ‘suggestion of wrong’. Is any other argument necessary to show that earthly governments are not Christian? There may be the most faithful, earnest Christians under the rule of every government on earth; and yet not one of these governments is entitled to the name Christian. That being is Christian that is patterned after Christ; but there is no government on earth that is carrying out the principles enunciated by Christ. That being is Christian who is accepted of Christ; but there is not a government on earth to-day that Christ accepts, for He said, ‘My kingdom is not of this world’. Therefore there is not a Christian nation on the earth to-day. God is saving men out of the nations that exist to-day; and those who are so, saved He will make subjects of the only Christian nation that will ever be in this earth. That will be an everlasting kingdom, and the dwellers therein shall never die. Dan. 7 : 27. That nation will wage no war, carry on no conquests, slay no men, hang no murderers, imprison no malefactors; for ‘the former things are passed away’. That will be a Christian nation; for there will be none but Christians under that dominion”.

⁵¹ “Under the influence of European vices, the religion that the natives first professed has, with a great many, degenerated into a mere formalism. The burden of the—white man has fallen upon them, and it has proved the burden of a curse”.

⁵² “To Christianize, not to Americanize, should be the motto of all who labor for souls”.

⁵³ Esse fenômeno foi generalizado e experimentado por várias denominações dos EUA. O impacto positivo do movimento missionário protestante no desenvolvimento dos conceitos de igualdade racial, justiça social e direitos humanos nos EUA é registrado e analisado em Hollinger (2017).

3 Anti-imperialismo sem sentimentos antiamericanos

A denúncia adventista do imperialismo dos EUA não representava uma negação de sentimentos patrióticos. Apesar de ter plena consciência do papel escatológico negativo dos EUA, os textos analisados neste levantamento não exibem um sentimento antiamericano. Ao contrário, descrevem os EUA como uma nação muito abençoada por Deus e trata com respeito a bandeira americana.⁵⁴ White declara, por exemplo, com orgulho: “considero uma honra ter nascido na América, a terra dos bravos e dos livres” (White, 1987, p. 120; cf. White, 1990, p. 105-106; White, 1885).⁵⁵

Mas esse sentimento patriótico não impediu os adventistas de escreverem sobre o papel opressor e apóstata que sua nação estava desempenhando na história contemporânea e que ainda desempenharia nos eventos finais proféticos. Mesmo a elogiada bandeira americana, da qual tinham orgulho, era citada em textos exortativos: “este símbolo providencial da liberdade se tornou a cobertura para os crimes mais revoltantes contra os mais sagrados direitos dos homens” (Jones; Bollman, 1895, p. 277, tradução nossa).⁵⁶

Portanto, há uma tensão entre o amor declarado à nação e a consciência de que o nacionalismo e a crença no excepcionalismo americano eram prejudiciais à missão cristã. Os adventistas afirmaram que o imperialismo distorcera a palavra “patriotismo” (American Sentinel, 1899, p. 99), e chamaram de “patriólatras” aqueles que tinham os EUA como objeto de sua adoração (White, 1864, p. 90).

Viam como equivocada a forma como algumas sociedades missionárias vinculavam suas identidades evangelísticas com seu “americanismo” e suas visões nacionalistas. Na visão adventista, o patriotismo excessivo do imperialismo alimentava a hostilidade local em campos missionários estrangeiros (Rosario, 2022, p. 363). O nacionalismo deveria ser abandonado e,

⁵⁴ Ela conta que, numa viagem à Noruega, foi colocada a bandeira americana sobre o púlpito onde ela pregaria, “atenção que apreciei grandemente” (White, 2005, p. 267; cf. p. 225).

⁵⁵ “[...] I consider it an honor to be born in America, the land of the brave and the free”. Este texto foi escrito em um diário, sob o título “Christiania, November 8, 1885”.

⁵⁶ “[...] this providential symbol of liberty has been made the covering for most revolting crimes against the most sacred rights of men”.

se necessário, até a nacionalidade deveria ser relativizada em favor da evangelização mundial: “Somos missionários para a América ou somos missionários para Deus? A América é o país de Deus, independente de todos os outros na terra? Não é boa o suficiente para ser o país de Deus; e não é boa o suficiente para o povo de Deus, por melhor que seja” (Jones, 1897, p. 16, tradução nossa).⁵⁷

Numa assembleia geral dos adventistas, em 1901, o missionário e líder da igreja, William Spicer, descreveu o excepcionalismo americano como uma “autoconsciência que nos arruína” (Jones, Smith, 1901, p. 297, tradução nossa),⁵⁸ e confessou:

Esse pensamento de americanismo, de nacionalismo, é algo a ser considerado. Eu nasci americano. Não tenho vergonha disso; mas não me orgulho disso; e isso faz toda a diferença no mundo em poder ajudar pessoas fora da América; pois qualquer homem que se orgulhe do fato de ser americano, ergueu uma barreira entre ele e todas as almas que não são americanas. Qualquer pessoa que tenha estado em um campo estrangeiro percebeu que as dificuldades, que talvez tenham levado anos para serem eliminadas, foram criadas por aqueles que mantiveram o espírito nacional à frente. É uma parte do antigo paganismo de Roma, que fazia com que os homens adorassem o espírito do império, em vez de Deus. [...] O Senhor quer tirar esse espírito de nossos corações (Jones, Smith, 1901, p. 297, tradução nossa).⁵⁹

O verdadeiro missionário cristão “não deveria ir representando a América, nem a civilização americana, nem o patriotismo americano, nem mesmo o cristianismo americano, mas representando Cristo e Sua religião somente” (Wilcox, 1900, p. 7, tradução nossa).⁶⁰

Conclusão

As experiências dos adventistas e outros grupos protestantes do século XIX revelam que a postura anti-imperialista pode ter diferentes fundamentos, e conhecer tais experiências hoje é útil para entender o papel ambivalente da

⁵⁷ “Are we missionaries for America, or are we missionaries for God? Is America God's country, independent of all others on the earth? It is not good enough to be God's country; and it is not good enough for God's people, however good it is”.

⁵⁸ “[...] the self-consciousness that ruins us [...]”.

⁵⁹ “That thought of Americanism, of nationalism, is something to reckon with. I was born an American. I am not ashamed of it; but I am not proud of it; and that makes all the difference in the world in being able to help people outside of America; for any man who is proud of the fact that he is an American, has erected a barrier between himself and every soul who is not an American. Anybody who has been in a foreign field has observed that difficulties, which perhaps it has taken years to clear away, have been created by those who kept that national spirit forward. It is a part of the old paganism of Rome, which caused men to worship the genius of the empire, instead of God. [...] The Lord wants to take that spirit out of our hearts”.

⁶⁰ “He should go not representing America, nor American civilization, nor American patriotism, nor American Christianity even, but representing Christ and His religion alone”.

religião na colonização.

Os adventistas dos EUA criticaram veementemente seu próprio governo pelo que consideravam políticas imperialistas, como no caso das Filipinas e da China. No caso da Revolta dos Boxers, a imprensa adventista destacou a hipocrisia da suposta superioridade racial anglo-saxônica sobre os chineses e alertou sobre os efeitos dessas ideias na política externa dos EUA.

A posição adventista contra o imperialismo estava enraizada em sua visão de mundo apocalíptica. A escatologia pré-milenista dos adventistas tendia a considerar negativamente o papel dos EUA no cumprimento das profecias apocalípticas. Os adventistas vinculavam os EUA às ações da segunda besta perseguidora de Apocalipse 13. Essa postura estava em oposição à herança puritana (compartilhada por alguns fundamentalistas) de que os EUA eram o novo Israel. O imperialismo é visto como parte de um conflito cósmico mais amplo entre o bem e o mal, e os sistemas políticos e militares que o apoiam seriam condenados diante do iminente juízo de Deus.

Os preconceitos de superioridade racial e a suposta superioridade de certas nações europeias encontraram eco e suporte em muitos pensadores influentes da época, como Darwin e Marx. Certamente, Darwin não responde pelo darwinismo social, mas é difícil não perceber traços de etnocentrismo em suas declarações, no mínimo, controversas. Tais conceitos rapidamente se popularizaram em forma de darwinismo social com ar de credibilidade científica, e, mesmo assim, os adventistas resistiram ao pensamento de superioridade anglo-saxônica, apegando-se às suas crenças bíblicas sobre a origem do ser humano. Eles questionaram o crescente senso comum revelando não serem apenas “pessoas de seu tempo”, e, nesse tema, resistindo à pressão social.

Os adventistas problematizaram a cumplicidade da religião com o imperialismo, inclusive em tom de autocrítica. É preciso destacar que os textos não refletem nem um sentimento antiamericanista e nem uma devoção “patriólatra”, mas conseguem expressar, ao mesmo tempo, amor à pátria e reavaliação crítica da política externa dos EUA.

Portanto, os dados obtidos pelo levantamento feito nesta pesquisa mostram que o adventismo da segunda metade do século XIX se opôs ao etnocentrismo e imperialismo/colonialismo anglo-saxão, e nem a evangelização era uma justificativa válida para tais conceitos. Os adventistas frequentemente adotavam um discurso anti-imperialista e anticolonialista, mas sua fundamentação era essencialmente teológica.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, K. B. **Marx nas margens: nacionalismo, etnias e sociedades não-ocidentais**. São Paulo: Boitempo, 2019.

AMERICAN SENTINEL. v. 13, n. 4, 27 jan.1898. Disponível em: <https://bit.ly/3JyZG6q>. Acesso em: 02 jan.2022.

AMERICAN SENTINEL. v. 14, n. 7, 16 fev.1899. Disponível em: <https://bit.ly/3eFVLXg>. Acesso em: 02 jan.2022.

AMERICAN SENTINEL, v. 14, n. 40, 12 out. 1899. Disponível em: <https://bit.ly/3HCt89T>. Acesso em: 03 jan.2022.

ANDREWS, J. N. Thoughts on Revelation XIII and XIV. **Review and Herald**, 19 maio 1851, p. 81-86. Disponível em: <https://bit.ly/31YZTiq>. Acesso em: 16 jun. 2021.

BRADLEY, J. D. (ed.). Editorial. **The Sentinel of Christian Liberty**, v. 18, n. 7, p. 99-107, 12 fev.1903. Disponível em: <https://bit.ly/32KzmWk>. Acesso em: 03 jan.2022.

BURTON, K. Pioneiros adventistas e seu protesto contra o racismo sistêmico. **Igreja Adventista do Sétimo Dia**. 06 jul.2020. Disponível em: <https://bit.ly/3pLSqw3>. Acesso em: 02 jan.2022.

CHERRY, C. **God's New Israel: Religious Interpretations of American Destiny**. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2014.

DANIELLS, A. G. (ed.). China. **Union Conference Record**, v. 3, n. 2, 01 fev.1900. p. 3. Disponível em: <https://bit.ly/3eMABXv>. Acesso em: 02 fev.2022.

DARWIN, C. R. **The descent of man, and selection in relation to sex**. Princeton: Princeton University Press, 1981 [publicado pela primeira vez em 1871].

DESILVA, J. M. (ed.). **A most interesting problem: what Darwin's Descent of man got right and wrong about human evolution**. Princeton: Princeton University Press, 2021

DOMINGUES, B. H. Deus e ideologia política nos Estados Unidos: a doutrina do Destino Manifesto. In: DAIBERT, R.; SIMOES, B. (Orgs.). **Escrituras de Deus e do Diabo: ensaios de religião, história e literatura**. Juiz de Fora: UFJF, 2012, p. 95-118.

FARNSWORTH, E. W. (ed.). **The Bible Echo**, v. 18, n. 3, p. 36, 19 jan.1903. Disponível em: <https://bit.ly/3sUtIeL>. Acesso em: 03 jan.2022.

FITCH, C. “**Come Out of Her, My People**”: a sermon, by C. Fitch. Rochester: E. Shepard’s Press, 1843. Disponível em: <https://bit.ly/3EIA989>. Acesso 12 ago. 2021

GORSKI, P. **American Covenant: A History of Civil Religion from the Puritans to the Present**. Princeton: Princeton University Press, 2019.

GREEN, J. C. A Few Suggestions to Missionaries. **Missionary Magazine**, v. 12, n. 3, p. 129-130, mar. 1900. Disponível em: <https://bit.ly/3toJ4ys>. Acesso em: 05 jan.2022.

HALLAM, C. The Angel’s Song. **The Bible Echo**, v. 16, n. 13, p. 194, 25 mar. 1901. Disponível em: <https://bit.ly/3EOxJnt>. Acesso em: 03 jan.2022.

HARE, R. (ed.). The Ruin of China. **The Bible Echo**, v. 15, n. 3, p. 52, 15 jan.1900 (1900a).

HARE, R. (ed.). The World’s Deadliest Drug. **The Bible Echo**, v. 15, n. 47, p. 754-755, 19 nov. 1900 (1900b).

HARE, R. (ed.). China’s Point of View. **The Bible Echo**, v. 16, n. 15, p. 234, 08 abr. 1901 (1901a).

HARE, R. (ed.). Fijian Home. **The Bible Echo**, v. 16, n. 26, p. 401-402, 24 jun. 1901 (1901b).

HARE, R. (ed.). One Cause of Trouble in China. **The Bible Echo**, v. 16, n. 32, p. 506-507, 05 ago. 1901 (1901c).

HARE, R. (ed.). The Opium Trade in China. **The Bible Echo**, v. 16, n. 13, p. 202, 25 mar. 1901 (1901d).

HASKELL, S. N.; BUTLER, I.; SMITH, U.; WAGGONER, J. H. (eds.). The Crisis in America. **The Bible Echo**, v. 3, n. 6, p. 90, June 1888. Disponível em: <https://bit.ly/32XzLUY>. Acesso em: 03 jan.2022.

HASKELL, S. N.; BUTLER, I.; SMITH, U.; WAGGONER, J. H. (eds.). The Night Far Spent. **The Bible Echo**, v. 2, n. 9, p. 137, set. 1887. Disponível em: <https://bit.ly/3F3jfAt>. Acesso em: 03 jan.2022.

HOLLINGER, D. A. **Protestants Abroad: How Missionaries Tried to Change the World but Changed America**. Princeton: Princeton University Press, 2017.

HOLMES, C. E. Socialism and Christianity. **The Youth’s Instructor**, v. 57, n 21, p. 3-4, 25 maio1909. Disponível em: <https://tinyurl.com/55t9f5ra>. Acesso em: 22 jul.2024.

HORMAN, R. **Race and manifest destiny. The origins of American Racial Anglosaxonism**. Cambridge: Harvard University Press, 1981.

HOWELL, W. E. Character of the Chinese. **Signs of the Times**, v. 26, n. 15, p. 10, 11 abr. 1900. Disponível em: <https://bit.ly/3pVda4A>. Acesso em: 05 jan.2022.

HUGHES, H. P. The Lord's Treasury. **The Bible Echo**, v. 3, n. 12, p. 181, d ez. 1888. Disponível em: <https://bit.ly/3ePulhH>. Acesso em: 03 jan.2022.

JONES, A. T. Human Rights. **American Sentinel**, p. 98–99, 16 fev.1899. Disponível em: <https://bit.ly/3eFVLXg>. Acesso em: 02 jan.2022.

JONES, A. T. (ed.). Our “Moral Progress”. **American Sentinel**, v. 12, n. 30, p. 469-470, 29 jul.1897. Disponível em: <https://tinyurl.com/mr2f35r7>. Acesso em: 22 jul. 2024.

JONES, A. T. Missionaries for God. **General Conference Bulletin**, v. 2, n. 1, p. 14-20, 03 mar. 1897. Disponível em: <https://bit.ly/3Hssnjm>. Acesso em: 03 jan.2022.

JONES, A. T.; BOLLMAN, C. P. (eds.). In the Chain-Gang Under the Flag. **American Sentinel**, v. 10, n. 35, p. 277-278, 05 set. 1895. Disponível em: <https://bit.ly/3qLhiTY>. Acesso em: 05 jan. 2022.

JONES, A. T.; SMITH, U. (eds.). Notes From General Conference. **The Advent Review and Sabbath Herald**, v. 78, n. 19, p. 296-297, 07 maio 1901. Disponível em: <https://bit.ly/3zmYtdz>. Acesso em: 03 jan.2022.

JONES, A. T.; SMITH, U. (eds.). The Perilous Times. **Advent Review and Sabbath Herald**, v. 76, n. 16, p. 249-250, 18 abr. 1899. Disponível em: <https://tinyurl.com/4bdkkyrw>. Acesso em: 09 jul.2024.

LIMA, M. de J. Karl Marx e Friedrich Engels na mira da razão negra: eurocentrismo marxista em desencanto por meio da afrocentricidade. **Revista África e Africanidades**, n. 32, nov. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3pQGGIF>. Acesso em: 04 jan.2022.

LINDER, R. Civil Religion in Historical Perspective: The Reality That Underlies the Concept. **Journal of Church and State**, v. 17, n. 3, p. 399-421, 1975.

LINDNER, K. Marx's Eurocentrism: Postcolonial Studies and Marx Scholarship. **Radical Philosophy**, v. 161, p. 27-41, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/3sVdbHJ>. Acesso em: 04 jan.2022.

MARX, K. **Marx and Engels Collected Works**, vol. 12. s.l.: Lawrence & Wishart, 2010 [livro eletrônico]. Disponível em: <https://bit.ly/3qVmKE2>. Acesso em: 04 jan.2022.

MILLER, J. Adventists, Prohibition, and Political Involvement. **Liberty**, nov./dez. 2011. Disponível em: <https://bit.ly/3F1GACi>. Acesso em: 05 jan.2022.

MOORE, C. **O Marxismo e a questão racial: Karl Marx e Friedrich Engels frente ao racismo e à escravidão**. Belo Horizonte: Nandyala; Uberlândia: Cenafro, 2010.

LAND, G. **The World of Ellen G. White**. Hagerstown: Review and Herald, 1987.

LOUGHBOROUGH, J. N. The Two-Horned Beast. **Review and Herald**, 21 mar. 1854, p. 65-68. Disponível em: <https://bit.ly/3E2zugC>. Acesso em: 16 jun. 2021.

O'REGGIO, T.; ZIVADINOVIC, D. The Connection Between Slavery and Prophecy as it Related to the American Nation in the Writings of the Adventist Pioneers during the Antebellum Period. **History Research**, v. 2, n. 5, p. 316-331, 2012. Disponível em: <https://tinyurl.com/2y9nwmt2>. Acesso em: 05 jan.2024.

PRESTON, Andrew. **Sword of the Spirit, Shield of Faith: Religion in American War and Diplomacy**. New York: Knopf, 2012.

REE, E. van. Marx and Engels's theory of history: making sense of the race factor. **Journal of Political Ideologies**, v. 24, n. 1, p. 54-73, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3mTL9Zq>. Acesso em: 04 jan.2022.

ROSARIO, J. Protestant Anti-Imperialism and the Vindication of the Boxer Rebellion, 1899–1901. **Diplomatic History**, v. 46, n. 2, p. 349-374, 2022. Disponível em: <https://tinyurl.com/4hzvrnau>. Acesso em: 03 jan. 2023.

SAID, E. **Orientalism**. New York: Vintage, 1978.

SCHURMAN, J. G. America's Foolish and Wicked Course. **Sentinel of Christian Liberty**, jun. 1902. p. 404-406. Disponível em: <https://bit.ly/3eLNtwT>. Acesso em: 03 jan.2022.

SHAFER, W. A. God's Searchlight on World Problems. **Present Truth**, v. 28, n. 13, p. 195-197, 28 mar. 1912. Disponível em: <https://bit.ly/3FTynBy>. Acesso em: 03 jan.2022.

SMITH, L. A.; BOLLMAN, C. P. (eds.). News, Notes . . . and Comment. **The Sentinel of Liberty**, 05 out. 1900, p. 620-621. Disponível em: <https://bit.ly/32U52sb>. Acesso em: 02 jan.2022.

SMITH, U. **Daniel e Apocalipse**. Engenheiro Coelho: Centro de Pesquisas Ellen G. White, 2014.

SMITH, U. The Warning Voice of Time and Prophecy. **Review and Herald**, p. 17-19, 23 jun. 1853. Disponível em: <https://bit.ly/3IWGL5a>. Acesso em: 16 jun. 2021.

SNOW, C. M. The Christian Nation. **The Bible Echo**, v. 16, n. 32, p. 506, 05 ago. 1901. Disponível em: <https://bit.ly/3zn9gEL>. Acesso em: 03 jan.2022.

TENNEY, C. (ed.). The Gap in the Theory. **The Bible Echo**, v. 7, n. 10, p. 145, 15 maio 1892. Disponível em: <https://bit.ly/3JDqIcF>. Acesso em: 03 jan.2022.

TOMPKINS, E. B. **Anti-Imperialism in the United States: The Great Debate, 1890-1920**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1970.

VYHMEISTER, N. J. Quem são os adventistas do sétimo dia?. In: DEDEREN, Raul (ed.). **Tratado de teologia Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011. p. 1-25.

WHITE, E. G. **Atos dos apóstolos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1986.

WHITE, E. G. **Educação**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

WHITE, E. G. Letter 40, 1879. **Manuscript Releases**, v. 8. Silver Spring: Ellen G.

White Estate, 1990. Disponível em: <https://bit.ly/3noYdMp>. Acesso em: 05 jan.2022.

WHITE, E. G. **Manuscript Releases**, v. 2. Silver Spring: Ellen G. White Estate, 1987. Disponível em: <https://bit.ly/3JMRUpq>. Acesso em: 05 jan.2022.

WHITE, E. G. Notes of Travel. **The Review and Herald**, 06 out. 1885. Disponível em: <https://bit.ly/3eZSSjX>. Acesso em: 05 jan.2022.

WHITE, E. G. **Temperança**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

WHITE, J. (ed.). Our Country. **Advent Review and Sabbath Herald**, 16 fev.1864. Disponível em: <https://m.egwwritings.org/en/book/1680.3248>. Acesso em: 09 jul.2024.

WHITE, M. A.; MERRIAM, V. A. (eds.). The Aborigines of America. **The Youth's Instructor**, 03 mar. 1880. p. 41. Disponível em: <https://bit.ly/3HuQjTq>. Acesso em: 03 jan.2022.

WILCOX, M. C. (ed.). A Wrong Conception of Missionary Work. **The Signs of the Times**, v. 26, n. 41, p. 6-7, 10 out. 1900. Disponível em: <https://bit.ly/3FXAN1Z>. Acesso em: 03 jan.2022.